[Recensão a] Dino Buzzati, O Deserto dos Tártaros, tradução de Margarida Periquito

Autor(es): Rodrigues, Ernesto

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42710>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-8584_1_20

Accessed : 26-Apr-2023 10:26:55

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
em Portugal

Nova Série

Nº 1

2006

Se, como evoca Gnisci, “Roma é o lugar da maior exposição, fundada, vivida, vivente, do império do homem” (p. 76) – condição que reforça a sua centralidade e a sua pluralidade; outros “lugares”, fora das fronteiras da Europa, reinventam essa circunstância, mesmo que seja como expressão do seu “avesso”, como aponta Jorge Figueira: “Em São Paulo, as paredes são percorridas por anúncios de tinta, *néons* com caligrafia humana. O engenho aguça a necessidade e o engenho floresce no cimento pobre” (p. 89).

A cidade dos homens é a expressão do engenho. As carências tornam a arquitectura uma manifestação do útil. Para Francesco Dal Co, “as obras que os arquitectos desenham, uma vez acabadas, entram no circuito da vida e do mundo, transformam-se, e passam a fazer parte do consumo e daquele confronto entre a construção e o tempo” (p. 95). Se é Scarpa que Dal Co menciona, então torna-se merecedor da réplica de Fernando Távora, na voz de Manuel Mendes: “Não me apaixono muito pelas ideias, mas pela maneira como as ideias são expostas” (p. 112). O livro

“Leonardo Express” demonstra exemplarmente isso. ANA VAZ MILHEIRO

Dino Buzzati, *O Deserto dos Tártaros*, tradução de Margarida Periquito, Lisboa, Cavalo de Ferro Editores, 2005, 235 pp.

A edição em Portugal de Dino Buzzati (1906-1972) é parca e muito irregular: quinze anos após a tradução carioca de *O Deserto dos Tártaros* (Rio de Janeiro, 1945?), a colecção Os Livros das Três Abelhas, de Publicações Europa-América, oferecia-nos *O Homem da Montanha* (1960; *Barnabo delle Montagne*) e, em 1963, aquele clássico de 1940, reimpresso em 2005, mas longe da qualidade do texto aqui em apreço. *Um Amor* (Ulisseia, 1967, 1974) torna-se de leitura morosa e indigesta, tão alheia se dá a melodia buzzatiana; com o conto “Sete andares” (“Sette piani”), em *Ficções* 3, Abril de 2000, e “Escravo” (Schiavo”), no número especial *Ficções de Comer* (Verão de 2002), ambos por Clara Rowland (agora, vale a pena começar a citar as tradutoras), entra-se em nova fase, de que Margarida Periquito – entre-

tanto, cotradutora de *Os Sete Mensageiros* (Cavalo de Ferro, 2005) – é nome cimeiro.

Mais inclinada a versões do inglês e do italiano, deu-nos, aqui, clássicos, como Boccaccio, Leopardi, Collodi, ou Indro Montanelli e Romana Petri. O maior desafio, porém, está em curso, com *Orlando Furioso*. Quanto a *O Deserto dos Tártaros*, é um fluir conseguido, que alguns cuidados de virgulação própria do português (pecado também na badana da contracapa) teriam melhorado. Mas veremos casos substantivos.

Pela afeição que dedico ao modo realista desta prosa, tenho dificuldade em compreender os lugares-comuns da crítica, quase diria, da crítica de badana: “Sempre no seu estilo inconfundível, que não obedece a modas e etiquetas, explora uma visão fantástica e absurda do real”. Isto nada diz, e, contradizendo-se, cataloga Buzzati. O processo é, resumida e grosseiramente, este: o tenente Giovanni Drago despede-se, aos 21 anos, da mãe e de um amigo, dirigindo-se à Fortaleza Bastiani. O que tanto esperara vem tingido de “um vago pressentimento de coisas fatais” (p. 7), que se tornará, quase no final, “pressenti-

mento profundo de coisas fatais” (p. 206). Neste registo se locomove a biografia de Drogo, em quadradinhos de vida – perdendo-se no caminho; no primeiro embate com as muralhas; aos três meses, na inelutável decisão de ficar; quatro anos depois; com mais de quarenta; aos cinquenta e quatro; no derradeiro sorriso...

Nesse “rio do tempo” (p. 83) ou “rio da vida” (p. 209), mais importante do que ir a major e a segunda figura de comando inútil, é vermos os outros na sua relação com o herói, ou deste alheando-se: as licenças em casa corroboram a gradual ausência de si (e mais na estranheza que lhe causam a mãe, irmãos, amigos, antiga namorada), que o narrador lembra de três maneiras: pelo sonho (capítulo XI) e permanente rememorar; pelas interpelações directas à personagem; e quando no-lo esconde (capítulos XII, XIV) ou se vê escorrer para outrem (cap. XII) e, deste, de novo, para si (cap. XV). Nesta altura, a meio livro, perfeitos quatro anos e olhados os mortos – em particular, Angustina, e o seu nobre exemplo, qual príncipe Sebastião (p. 136-137) –, apressa-se o

tempo do discurso e da sua vida, com despedidas do quarto natal, do quarto da Fortaleza em que viveu mais de trinta anos, e do terceiro quarto, onde se sente “estranhamente livre e feliz” (p. 232). São encaixes da cidade, da Fortaleza, da estalagem; estas, por seu lado, de outros valores; e, por fim, da vida, a única clausura séria.

Entre as várias imagens desta, há duas particulares, de compleição bélica e arquitectural – as mais difíceis, aliás, de traduzir, mas bem conseguidas. Aquele associa-se ao que poderia justificar o absurdo de situação: as decisões desencontradas do Estado-Maior, por exemplo; ou, tão conhecida orientação de leitura, a esperança, em cada linha, de combater, mesmo, os Tártaros. Geração órfã de pais e mutilada nos seus valores, a providencial doença de fígado humaniza um tempo em que o inimigo de fora se não via ou só se imaginava (o que se torna, hoje, mais evidente), e, prático, cruel, deita fora os velhos em troca de novos bárbaros.

É uma obra de visões, de acreditar no que queremos, de um programa que mói o tempo na

expectativa de cura da alma, e, subitamente, vemos que a esperança nos distraiu de nós. Sem ser certo que aí venham invasores, já perdemos a guerra. Eis o teor bélico.

Quanto ao lado arquitectónico, à marcação do tempo, ou do baque da cisterna, corresponde a descrição dos redutos da Fortaleza, segundo os ângulos de visão. Naqueles, conjugando-se figuras maiores – deserto e montanha –, decorre a existência, mesmificada. Ao íngreme e mortal sucede o plano infindo e lendário, que excita os homens. Ora, sendo espaços de eleição, permitem, sem especiais efeitos narrativos, o que singulariza Buzzati: a diferença no olhar, insistente e variável. A obsessão do descritivo espacial, antes, apura-se, agora, em variantes sensitivas, a partir de elementos simples (estações, meses, sol, neve, noite...), em que o adjectivo intervém. Este só por acaso sairia mal traduzido.

Convindo, pois: nada tem a vida, aqui, de fantástico ou de real absurdo, e muito menos nos processos ficcionais, tão rigorosos saem os contornos das muralhas, os dias chilros, a esperança de justificar uma condição militar

contra o fracasso, a sensação de não amar ninguém. Este complexo também frásico é melodicamente dado em português, assinalando-se, de seguida, pequenas diferenças.

Na ordem da frase, há rigor, se não é, logo no início, o polisíndeto intruso em “E assim [...], e via”; algum acrescento (“Mas nisto”, p. 15) ou deriva: “mas em prol de quem, em prol do quê?” (p. 36), para “ma per chi, per che cosa?”; um acordo verbal deficiente nas p. 34, 131; a falta de “rosto” (p. 21), que a própria tradutora me assinalou; “E ele próprio o viu” (p. 95) silencia o nome próprio: “E lui Drogo lo vide”; insuficiência em “aquela semelhança de exército” (p. 121), a partir de “quella inoffensiva parvenza di armata”; “um tipo” (p. 128), fora do original; “Então e”, entre aspas na p. 172 (de “E allora”), fere a vista; três “já” em parágrafo da p. 179, e três “sempre” na p. 203, contra um no original; a paráfrase para resolver, na p. 194, “una specie di racconto”.

As oscilações são de três tipos, embora raras: de grafia (sol/Sol, tão-pouco/tampouco; a pouco e pouco/pouco a pouco; Sr./se-

nhor); no diverso verter de alguns termos, sem que isso seja problemático: *tonfo*, *acquitino*, *atono*, *picchio*, *greve*, *fastidio*; no uso, hesitante, do artigo definido com nome próprio: “o Lazzari”, etc.

A propriedade vocabular é, acaso, a maior conquista desta excelente tradução. Considero, porém, frágil, ou desadequado: “Alô” (p. 9); “palidez” (p. 23), para “squallore”; “nuança” (p. 26), para “sfumatura”; “desambientado” (p. 33), para “sperduto”; *vastità*, *vasto*, referidos ao silêncio, ora “amplidão”, ora “pesado” (p. 34, 152); a solução para “si gioca da signori”, na p. 64; “chateado” e “lixado” (p. 106, 263), para “seccato”, “fregato”; “licenciosa” (p. 200), para “disinvolta”.

Distracção é falar do “estio” (p. 143) por “la buona stagione”, quando se percebe ser a Primavera, confirmada na página seguinte. Na p. 199, há um “e de nos últimos” que deve ser “e de que nos últimos”.

A pontuação, quase sempre colada ao original, merecia mais longa conversa; em particular, após travessão, quase inexistente. Escusados são os travessões rectos, se, no original, estiverem curvos. ERNESTO RODRIGUES